

## A influência da Escola de Viena em Portugal no período entre guerras

*Augusto José dos Santos Fitas*

Impõe-se uma nota prévia ao texto que se segue e escrita na primeira pessoa. Quando fomos convidados para participar no colóquio «The 75th Anniversary of Delfim Santos' *An Evaluative Assessment of Neopositivism*», propusemo-nos apresentar uma comunicação subordinada ao tema 'As influências do positivismo lógico ou da Escola de Viena em Portugal nas décadas de 30 e 40'. A matéria a tratar não seria original e correspondia a um resumo, preparado propositadamente para este colóquio, de parte dos capítulos 3º e 4º de um trabalho de nossa autoria publicado há três anos [FITAS et al. 2008]. Esta era a nossa intenção e procedemos em conformidade. Todavia, em vésperas do colóquio deparámo-nos com a consulta de parte do material de arquivo da Junta de Educação Nacional (JEN) referente a Delfim Santos e depositado no Instituto Camões (beneficiamos neste momento da ação de um projeto que, tal como referido em nota, tem como objetivo o estudo da JEN durante toda a sua existência, de 1929 a 1936, antes de ser transformada no Instituto para a Alta Cultura). Porque não havia tempo para tratarmos a informação obtida na nossa intervenção no Colóquio mantivemos o que planificáramos, contudo reservámos para a entrega do texto final (o que aconteceria um mês depois) a reescrita do que foi lido na manhã do dia 4 de novembro de 2011, à luz da nova documentação consultada.

Esta reescrita implicou a redução do arco temporal a tratar: reduzimos as duas décadas propostas ao período entre guerras e, na década em causa, demos uma maior relevância ao périplo de dois anos por universidades europeias do bolseiro da JEN-IAC que foi Delfim Santos. Com base nos ficheiros da JEN-IAC, e também nas cartas desse período já editadas, procurámos apresentar a sua relação com a Escola de Viena e, em particular, as circunstâncias que determinaram a

construção da *Situação Valorativa do Positivismo*, uma obra reveladora de alguma atenção que, no panorama nacional, foi dada às ideias da Escola de Viena.

Está assim justificado porque não escrevemos sobre o que falámos e porque escrevemos sobre o que não falámos.

No essencial mantivemos a estrutura que já estava construída: uma primeira parte onde, a par de uma brevíssima introdução à Escola de Viena, se descrevem em linhas muito gerais os fatores que, no ambiente académico português desse período, foram mais permeáveis em relação às ideias neopositivistas; uma segunda parte onde se focam as primeiras manifestações culturais públicas sobre as ideias do *Círculo de Viena* e o seu aparecimento na literatura científica, mostrando como os círculos académicos mais ligados às ciências exatas e naturais talvez fossem o meio mais suscetível de absorver o ideário do novo positivismo; uma terceira parte dedicada a Delfim Santos, às circunstâncias de maturação do seu livro, caso único em Portugal de um filósofo que participou nos seminários do *Círculo de Viena*; uma quarta e última parte reservada a notas finais ou a pistas sobre o mesmo tema para a década seguinte.

Este trabalho foi apoiado pelo projeto ‘A Investigação científica em Portugal no período entre as duas guerras mundiais e a JEN’ financiado pelo fundos do FEDER através do Programa Operacional para os Fatores de Competitividade (COMPETE) e por fundos nacionais do projeto da FCT, HC/0077/2009.

## 1. O Círculo de Viena e Portugal

Ao apresentar o manifesto do Círculo de Viena em 1928, os seus redatores (Hahn, Neurath e Carnap) preocuparam-se em apresentar as razões históricas que justificavam o crescimento particular, numa cidade como Viena, de um grupo de reflexão filosófica que veio posteriormente a ser designado por Círculo de Viena [SOULEZ 1985]. A cidade era caracterizada, já no século XIX, pela sua tendência liberal dominante. Uma das razões invocadas dizia respeito à criação em 1895, na Universidade de Viena, de uma cátedra de Filosofia das Ciências Indutivas oferecida a Ernst Mach, um dos precursores do neopositivismo e que foi, posteriormente, também ocupada por Ludwig Boltzmann. Em 1922 é apontado para ocupar esta cátedra Moritz Schlick, um físico que tinha feito o seu doutoramento em física teórica sob a direção de Max Planck, mas cujo espectro de interesses se alargava à Filosofia. A existência de uma cátedra tão especial (sem paralelo nessa época, finais do século XIX, em outras universidades do continente europeu) votada ao ensino da Filosofia e cujo titular era um cientista, permitia aferir do interesse suscitado pelos problemas da teoria do conhecimento, sobretudo aqueles intimamente ligados aos fundamentos da Física, por parte da comunidade científica, filosófica e universitária austríaca.

Há que realçar a existência na Áustria de uma comunidade científica universitária forte, empenhada na investigação e reflexão, interessando-se uma parte dela em repensar, já nos finais do século XIX, os fundamentos das ciências físicas: partiu de Mach a crítica mais contundente aos fundamentos da mecânica newtoniana, uma crítica que se virá a manifestar como uma das influências importantes na criação da teoria da relatividade restrita; foi com Boltzmann que se desenhou toda a teoria que sustenta o carácter probabilístico das leis termodinâmicas, teoria fundamental na construção da hipótese dos quanta. E se o café *Josephinum*, já antes da Guerra de 14-18, era, nas noites de sexta-feira, a sede de discussão sobre filosofia da ciência de um grupo onde se destacavam Philipp Frank (físico), Hans Hahn (matemático), Richard von Mises (engenheiro de máquinas) e Otto Neurath (sociólogo e economista), é com o seminário organizado por Schlick no Instituto de Matemática a partir

de 1924, cujas sessões eram também à sexta-feira e no qual participam, desde a primeira hora, Hahn e Neurath, que nasce a designação de Círculo de Viena; Rudolf Carnap (matemático) junta-se ao grupo em 1928. Animados pelo mesmo ideário existiam dois outros grupos que se mantinham em contacto com Viena: o grupo de Berlim, com Hans Reichenbach (físico e filósofo) e o de Praga, cujo principal animador era Philipp Frank (físico), sucessor de Albert Einstein na Universidade Alemã dessa cidade. Em junho de 1936, Moritz Schlick foi assassinado, em plena escadaria da Universidade de Viena, por um antigo estudante que atuou por motivos vários [STADLER 2001, 869]; este ato marca o fim do Círculo enquanto grupo, mas não o fim do ideário do empirismo lógico.

O manifesto do Círculo tem um subtítulo ‘Sobre a Conceção Científica do Mundo’ e no seu 2º capítulo pode ler-se: «*A conceção científica do mundo não se caracteriza tanto por teses próprias, mas pela sua atitude fundamental, o seu ponto de vista, a sua direção de pesquisa (...) o seu objetivo é a ciência unitária*» [FITAS et al. 2008, 115]. Além de pretender agrupar o conhecimento num corpo de ciência unificada, o Círculo caracteriza-se pela postulação de que todo o conhecimento assenta numa base empírica e matemática e que os problemas fundamentais são a verificação da sua natureza empírica e a construção lógica dos seus enunciados, tomando como modelo deste conhecimento a Física (todas as outras formas de conhecimento deveriam ser julgadas em função deste padrão). E a sua atitude é essencialmente antimetafísica, propondo uma análise bastante profunda em torno do método das ciências experimentais e dos fundamentos da Matemática. Apesar de, entre os membros do Círculo, existir um acordo sobre os seus propósitos essenciais, no que diz respeito a muitas teses e conclusões havia, entre eles, confrontos polémicos e o Círculo estava muito longe de uma unidade de pontos de vista. O ambiente do seminário de Schlick era acolhedor e estimulante. Carnap descreve-o como sendo

aberto e com uma atitude não dogmática perante a discussão. Cada um dos participantes era constantemente convidado a sujeitar os seus pontos de vista ao reexame dos outros ou de si próprio. O espírito comum era mais de cooperação do que de

competição. O objetivo comum era trabalhar em conjunto na procura da clarificação e do aprofundamento [FITAS et al. 2008, 200].

Acrescenta que toda esta atmosfera se devia à personalidade muito afável e modesta de Schlick.

É importante notar o esforço proselitista dos neopositivistas, quer pela edição de uma revista de filosofia da ciência que aparece em 1930, a *Erkenntnis* (*Conhecimento*), quer por terem iniciado a organização de vários congressos sobre filosofia da ciência em várias cidades da Europa, quer, ainda, pelo esforço na popularização da ‘Conceção Científica do Mundo’. Com a subida dos nazis ao poder e com o avanço da guerra, o centro de gravidade de neopositivismo vai-se deslocando da Europa Central para a Ocidental e desta para a América do Norte. A maioria dos seus elementos era conhecida pelas suas ideias de esquerda, Neurath escrevia «*a maior parte de nós, incluindo eu próprio, éramos socialistas*» [FITAS et al. 2008, 201], e pela sua militância em projetos claramente identificados com a defesa dos interesses das classes populares, por exemplo Schlick e Hahn que eram bastante ativos na educação de adultos.

O ambiente académico português, em especial o referente às ciências exatas e naturais, era nesta mesma época bastante diferente do país pátria da Escola de Viena. Em Portugal escasseavam a investigação científica e o contacto com os meios científicos internacionais. Contudo, havia quem procurasse contrariar este quadro negativo: em determinados setores procurava-se tomar medidas que permeabilizassem a universidade portuguesa a alguns domínios de investigação. É neste período que surge um organismo, a Junta de Educação Nacional (JEN) [FITAS et al. 2008, 201], com propósito de subsidiar instituições destinadas a trabalhos de investigação científica e de organizar um serviço de bolsas de estudo dos estudantes portugueses, em especial para o estrangeiro. É este conjunto de bolseiros, algumas dezenas, que durante vários anos trabalham cientificamente em centros de nomeada internacional, contactando de perto com o meio científico mais atualizado, que constitui um dos veículos privilegiados na circulação de ideias entre Portugal e o resto do mundo mais desenvolvido.

Para além dos bolsеiros que tomaram contacto com a nova filosofia da ciência que alimentava muitos seminários acadêmicos em Paris, Londres, Viena, Berlim e outras cidades, o meio universitário português também não podia permanecer surdo perante o debate em torno das questões levantadas pela Escola de Viena: as revistas científicas da especialidade, que já na época chegavam às bibliotecas das nossas faculdades, eram um importante veículo para o acesso a esta nova corrente filosófica [CUNHA 1998, 512].

Por um outro lado, à intelectualidade portuguesa, fortemente ligada à cultura francesa e sempre atenta às notícias da capital francesa, também chegaram os ecos das novas teses. Além disso, as vicissitudes da situação política portuguesa nos finais dos anos vinte atiraram para o exílio (Paris foi o lugar mais escolhido) algumas figuras destacadas da vida cultural nacional. António Sérgio (um dos exilados), em tom manifestamente jocoso e em nota de rodapé, conta a Abel Salazar, em peça da primeira polémica que mantiveram sobre a divulgação do ideário da Escola de Viena, como durante a sua estadia em Paris tomou contacto com as ideias desta escola, insinuando que, na altura, intelectual que se prezasse opinava sobre o neopositivismo, pois esta era a filosofia «*da moda*» [SÉRGIO 1937]. As obras fundamentais dos neopositivistas eram em língua alemã, mas em meados da década de trinta já existiam muitas traduções em língua francesa, isto é, cumpria-se uma condição para que os intelectuais portugueses interessados a elas pudessem aceder. Muito poucos são os autores nacionais que citaram a bibliografia original em alemão, as traduções francesas é que são utilizadas: Moritz Schlick (1934) *Les énoncés scientifiques et la réalité du monde extérieure*, (1935) *Espace et temps*; Hans Reichenbach (1932) *La philosophie scientifique, vues nouvelles sur ses buts et ses méthodes*; Rudolf Carnap (1933) *L'ancienne et la nouvelle logique*, (1934) *La science et la métaphysique devant l'analyse logique du langage*.

Foi na década de trinta, no período anterior à 2ª Grande Guerra, que apareceram de facto em Portugal os primeiros vestígios da passagem destas ideias filosóficas. Assiste-se primeiramente à propaganda do ideário da Escola de Viena através da disseminação de muitos artigos na imprensa cultural e regional e paralelamente, porque há uma pequena comunidade acadêmica, a

uma espécie de contágio de ideias com alguns professores que, em publicações de cariz universitário, patenteiam ideias neopositivistas. Ao mesmo tempo, aqui colocado em segundo lugar, surge um licenciado em Filosofia que obtém, através da JEN, uma bolsa para estudar a filosofia do empirismo lógico em Viena, acabando por escrever nesta década o único estudo de autor português sobre esta corrente filosófica. Na exposição que se segue tratam-se estes dois casos.

## 2. As primeiras manifestações culturais públicas das ideias do *Círculo de Viena* (ou Abel Salazar, o grande divulgador) e a abordagem científico-filosófica de um matemático

Apesar do facto de que «*alguns intelectuais, dentro ou fora das instituições universitárias, não desconheciam o empirismo lógico antes de 1934*» [CUNHA 1998, 512], nenhum se empenhou publicamente na sua divulgação e implantação tal como o fez Abel Salazar.

Creio que 1934 foi efetivamente o ano em que Abel Salazar) se empenhou em conhecer o movimento empiriológico, conhecimento que terá sido reforçado, se não mesmo estimulado, pelas circunstâncias e pessoas que encontrou na prolongada estadia que, nesse mesmo ano, teve em Paris; além disso, os primeiros textos neopositivistas por ele utilizados na sua divulgação são em língua francesa e têm a sua data de publicação cerca desse ano. [CUNHA, 1998: 512].

Concluindo a mesma fonte, um pouco mais à frente e na mesma página, que «*por isso o consideramos o paladino da divulgação do empirismo lógico entre nós*». Pelo volume de artigos dispersos pelos mais variados jornais, desde os de âmbito regional aos de difusão nacional, onde se incluem as revistas periódicas de natureza cultural e doutrinária mais influentes no Portugal dessa época, pela forma militante como o fez (usando para tal as páginas da imprensa escrita do Sul ao Norte do país, como são exemplos *A Foz do Guadiana*, de Vila Real de Santo António, o *Notícias de Coimbra*, o *Trabalho*,

de Viseu) e também pela data em que iniciou esta atividade, o Prof. Abel Salazar pode considerar-se de facto o pioneiro da introdução das ideias da Escola de Viena em Portugal.

Personagem multifacetada, em 1918, com apenas 30 anos de idade, era nomeado Professor Catedrático de Histologia e Embriologia. Abel Salazar foi um investigador notável neste domínio – fundou, com Mark Athias e Celestino da Costa, os *Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas* –, atividade que desenvolveu de par com uma produção artística variada, nomeadamente no domínio da pintura (entre 1938 e 1940 efetuou em Lisboa e no Porto grandes exposições individuais que foram muito admiradas). Ativo opositor à ditadura do Estado Novo, foi acusado publicamente de «*anticlerical, de inimigo da moral católica, da ordem estabelecida e dos poderes constituídos*» [CUNHA 1998, 261] e em 1935 foi afastado compulsivamente da sua cátedra e do seu laboratório, sem poder frequentar as instalações da sua Faculdade nem ausentar-se do país.

De fevereiro a agosto de 1934, numa espécie de exílio autoimposto, Abel Salazar vai para Paris e aí entrou em contacto com as ideias da Escola de Viena: datam de 1934, ou de poucos anos antes, o aparecimento, em edição francesa, dos principais textos neopositivistas. Escreveu Abel Salazar, no artigo que inaugurará a sua atividade de ativíssimo publicista das ideias do Círculo de Viena:

Na anarquia intelectual do mundo de hoje, a Escola filosófica de Viena caracteriza-se pela nitidez e segurança com que define as novas orientações da filosofia científica. Esta filosofia define o novo espírito científico e filosófico que resulta da última crise da Ciência. Esta crise foi considerada pelos espíritos superficiais como uma falência, um regresso à metafísica; ao contrário porém destas esperanças esta crise salutar gerou o neopositivismo ou empirismo lógico. (...) [SALAZAR 1935].

Seguindo de perto a fonte que temos vindo a citar sobre o pensamento do histologista portuense, o seu esforço de divulgação do pensamento da Escola de Viena pode dividir-se em duas fases: a primeira, abrangendo o ano de 1935 e a primeira metade de 1936, aparece dispersa por periódicos de carácter

regional, *Ideia Livre*, *Povo do Norte*, *O Trabalho* e o *Notícias de Coimbra* e por algumas revistas de circulação restrita *Gérmén*, a *Vida Contemporânea* e a *Pensamento*; a segunda, posterior e estendendo-se até 1940, quando publicou dezenas de artigos em revistas de maior repercussão pública como *O Diabo*, *Seara Nova* e *Sol Nascente*. Em *O Diabo* publicou de 1936 a 1938 uma série de cinquenta artigos intitulada *Pensamento Positivo Contemporâneo* e ainda numa outra revista de Coimbra de circulação mais restrita, *Síntese*, onde aparece como um dos principais inspiradores do seu projeto editorial. De todo o seu esforço de divulgação, aquele que parece constituir o trabalho de maior fôlego, e de planificação mais conseguida, está reunido nos cinquenta artigos publicados em *O Diabo* iniciados em finais de agosto de 1936 [SALAZAR 1936]. É importante realçar uma outra faceta de divulgador do neopositivismo de Abel Salazar: é notória a sua influência, pode dizer-se redatorial, enquanto colaborador de diversas revistas, no sentido de fazer publicar traduções de excertos das obras dos filósofos neopositivistas. As revistas *O Diabo*, *Sol Nascente* e *Síntese* são disto um exemplo.

Independentemente do tom apologético e do apostolado exacerbado que Abel Salazar coloca na forma como defende e procura transmitir a filosofia da Escola de Viena, importa em traços gerais caracterizar o porquê da sua adesão a este corpo de ideias, para que se possa entender a razão da sua ânsia divulgadora. Professor da Faculdade de Medicina, histologista de mérito, universitário iconoclasta, artista reconhecido, Abel Salazar era uma personalidade inquieta que sempre procurou um substrato filosófico que suportasse a sua mundivisão de homem polifacetado (já no ano letivo de 1916-17 a sua lição de inaugural do curso de Histologia versou «*sob a orientação filosófica da histologia moderna*» [CUNHA 1998, 139]), defendendo irreverentemente, em qualquer tribuna, o valor das ideias científicas [FITAS 2004, 48]. A sua adesão às ideias da Escola de Viena tem a ver com o reconhecimento de que se estava a atravessar um período que, sob o ponto de vista histórico e filosófico, correspondia a uma revolução mais importante do que a que fora feita por Galileu, Copérnico, Newton e Harvey. Uma revolução portadora de «*novas conceções do mundo, do pensamento, da filosofia e do homem*». Esta afinidade de pontos de vista escorava-se em dois pilares básicos:

uma representação unitária do mundo onde a ciência tem uma influência fundamental na evolução material, espiritual e moral da humanidade; um critério de separação dos saberes, assente na experiência e na análise lógico-sintática, retirando à metafísica o estatuto de domínio filosófico e remetendo-a para a esfera da crença e das emoções [CUNHA 1998]. A sua sofreguidão por este novo sistema de ideias é tanto mais forte quanto maior é a sua oposição ao ambiente intelectual do país, que caracterizava como de *«ligeireza intelectual, de sentimentalismo, de emotividade fremente, em que o brilho, a fantasia, são mais estimadas e cultivadas do que a reflexão logística»* [CUNHA 1998, 513]. O seu espírito científico, alimentado pela sua formação académica, opunha-se ao *«filosofismo com tendência constante para a retórica oca, para a retórica coimbrã»*, daí que visse como necessário um movimento filosófico que pugnassem por um maior rigor de análise, integrassem o evoluir dos conhecimentos científicos e combatessem as correntes contemporâneas que visavam restaurar *«o neotomismo e a Metafísica Patética»* [CUNHA 1998, 513].

Em todos os artigos que escreveu, Abel Salazar chama à barra argumentativa, como apoio de todas as suas explanações, os filósofos do Círculo que se caracterizavam por uma sólida formação científica nos domínios da Física e da Matemática: Schlick, Hahn, Carnap, Reichenbach, Frank. Ao mesmo tempo, no seu propósito divulgador (destaque-se aqui a série de artigos em *O Diabo*), dá a conhecer algumas das principais teorias da Física contemporânea (teoria da relatividade, geometrias não euclidianas e mecânica quântica), bem como os diversos aspetos das teorias lógico-formais ensaiadas por Frege, Russell e Wittgenstein. Neste conjunto de textos inclui alguns onde são especialmente tratados os trabalhos dos precursores da filosofia da ciência e, portanto, do neopositivismo: Mach, Poincaré e Boltzmann.

O esforço colocado por Abel Salazar na divulgação do ideário do Círculo de Viena, acompanhado de um entusiasmo excessivo na defesa dos seus pontos de vista, obrigou-o a saltar por três vezes para a arena da polémica. Foi na segunda peça da primeira polémica (com Adolfo Casais Monteiro) que o professor portuense manifestou a necessidade vital de introduzir o movimento filosófico do Círculo de Viena como forma do nosso país não *«petrificar*

*mentalmente*», acrescentando que, quanto a esta tarefa, «*se esforça igualmente, embora por outros processos, o moço e já ilustre matemático Ruy Luís Gomes*» [SALAZAR 1937].

Foi no ano de 1935, ano em que Abel Salazar foi afastado definitivamente da universidade portuguesa pelo Decreto-Lei nº 25317 de 13 de Maio de 1935; o governo demitiu, entre outros funcionários públicos e militares, os professores universitários Rodrigues Lapa de Lisboa, Aurélio Quintanilha e Sílvio Lima de Coimbra e Abel Salazar do Porto. Seria nesta altura que, segundo alguns autores, aconteceu a sua aproximação com o jovem professor de Física Matemática da Universidade do Porto, Ruy Luís Gomes:

(...) a convivência com Abel Salazar (de quem se aproximou, num gesto de solidariedade, em face da campanha caluniosa contra ele conduzida pelos fascistas, como preparação da sua demissão), forneceu-lhe motivação filosófica para se ocupar da Teoria da Relatividade. Abel Salazar pô-lo ao corrente dos temas do neopositivismo ou positivismo lógico (...) [MORGADO 1985, 14].

Foi este convívio que contribuiu para que Ruy Luís Gomes passasse a incluir em alguns dos seus trabalhos científicos as ideias da Escola de Viena. O matemático portuense será o primeiro autor português a manifestar a influência do pensamento desta escola filosófica na literatura científica. A sua profissão de fé filosófica foi publicamente expressa numa conferência proferida em 1937 (*Análise Neopositivista das Noções de Espaço e Tempo*), quando das comemorações do centenário da criação Academia Politécnica do Porto. Uma palestra que, para além do seu cunho filosófico, pode também ser entendida como a homenagem corajosa, e não silenciosa, que prestou ao professor universitário Abel Salazar, compulsivamente afastado da universidade e arauto incansável do pensamento da Escola de Viena em Portugal. É importante realçar este ato de Ruy Luís Gomes pois o afastamento compulsivo de Abel Salazar das universidades portuguesas implicava, por despacho do ministro de então, que também lhe fosse «*vedado o acesso a qualquer dependência universitária (...)*» [CUNHA 1998: 356], isto é, proibia-se um professor de frequentar (até!) as bibliotecas universitárias e a própria

universidade não reagia e aceitava complacente e silenciosamente a medida ministerial...

Um ano depois, Ruy L. Gomes publicou em livro um conjunto de lições de um curso livre proferido em Lisboa, num anfiteatro do Instituto Superior Técnico, em cujo capítulo inicial aparece uma exposição das principais teses defendidas pelo Círculo [GOMES, 1938]. Escrevia na introdução:

(...) como professor de física-matemática e autorizado pelo número cada vez maior de sábios-filósofos, entre os quais se destaca o grupo homogéneo da Escola de Viena, a ousar falar em espaço e tempo sem receio de infringir velhos cânones ou de invadir terreno alheio [GOMES 1938, 12].

As teses neopositivistas que Ruy Luís Gomes abordará são essencialmente aquelas que derivam das situações já levantadas pela própria análise da Teoria da Relatividade. A primeira, uma proposição só tem sentido na medida em que pode ser verificada, ou seja, é da sua verificação que nasce o seu carácter científico; a segunda, só existe conhecimento empírico e este depende do que é dado diretamente. O espaço e o tempo são entidades empíricas, são medidas, e é como resultado destas medidas que se pode estabelecer um critério de verificação que confere um significado preciso ao que, fisicamente, pode entender-se por acontecimentos simultâneos (um dos pontos centrais de crítica à formulação da mecânica clássica). Este capítulo introdutório do seu opúsculo sobre a cinemática relativista foi publicado em *O Diabo* [FITAS 2006].

Foi também neste ano de 1938 que foi publicado em português o primeiro livro a abordar de uma forma sistemática o corpo de ideias do empirismo lógico e que se intitulava a *Situação Valorativa do Positivismo*, sendo o seu autor Delfim Pinto dos Santos. Uma obra que não foi ignorada e todos aqueles que posteriormente dedicaram alguns textos ao estudo desta corrente de pensamento a citaram. Todavia este livro «*não marcou o meio filosófico português da forma mais desejável*»: fadado para ser uma tese de doutoramento na Universidade de Coimbra foi impedido de se candidatar a uma presença na

sala dos capelos e «o seu autor não prosseguiu os seus trabalhos neste domínio»... [FITAS et al. 2008, 80].

É deste caso que se tratará em seguida.

### 3. Uma tentativa de doutoramento versando as ideias do Círculo de Viena

No primeiro ano em que a JEN abre os concursos para atribuição de bolsas, um jovem estudante da Universidade do Porto, ainda não licenciado, propõe-se, em requerimento dirigido ao Presidente daquele organismo recentemente criado, pedir apoio para os trabalhos da sua futura dissertação de doutoramento. Instado posteriormente pelo Secretário Geral da JEN, Leite Pinto, a fundamentar o seu pedido, escreve um documento que envia em meados de novembro desse mesmo ano e onde se lê:

(...) A natureza exata dessa tese, que antecipadamente não posso definir com rigor embora para ela possua já materiais bibliográficos e inúmeras notas, consiste na introdução em Portugal dos métodos da escola fenomenológica alemã de Husserl, Max Scheler, Otto Prandler, Landsberg, etc., seguido na Inglaterra por Bertrand Russell e na Espanha por Ortega y Gasset (...) [AIC 0494.16.003 = os documentos do Arquivo do Instituto Camões serão representados por um conjunto de 9 dígitos, os seis primeiros representam a cota (neste caso 0494.16) e os três seguintes o documento (neste caso 003)].

Em 19 de dezembro o pedido é indeferido porque o requerente não tem as condições requeridas, isto é, ainda não se licenciou. O requerente em causa, Delfim Santos, terminará a sua licenciatura em 1931 e nos anos seguintes fará o estágio pedagógico no Liceu Normal de Coimbra, realizando o Exame de Estado em Lisboa, em julho de 1934. De qualquer modo, pelo conteúdo da sua proposta fixando alguns dos filósofos citados, é identificável a sua vontade de estudar a *fenomenologia*, corrente filosófica que problematiza a teoria do conhecimento, criticando o dogmatismo filosófico dos positivistas perante a

ciência, colocando também reservas sobre o apriorismo idealista kantiano, procurando estudar os «*dados em si mesmos*» ou «*propondo uma análise e descrição da essência*» dos fenómenos [REALE 1995, III, 495]. Manifestava-se já, no ainda estudante de história e filosofia, o seu interesse filosófico em aprofundar matérias ligadas ao conhecimento científico e à sua construção.

Em 31 de outubro desse mesmo ano, já professor num liceu da capital, Delfim Santos apresenta uma nova candidatura a uma bolsa da JEN. É uma candidatura peculiar porque se propõe a um lugar de leitor de português num dos leitorados da Alemanha com o objetivo, explícito no seu documento, de

se especializar em epistemologia ou filosofia e história das ciências(...) desejaria o requerente estagiar com qualquer dos grandes epistemólogos alemães, tais como Reichenbach, Carnap ou Heidegger

com o fim de «*prestar provas de doutoramento numa universidade portuguesa*» (...) [AIC: 1273.16.001].

Propõe-se para leitor, mas o seu fito principal era estudar filosofia; menciona agora, como primeiros autores eleitos, filósofos mais ligados ao empirismo lógico, Reichenbach e Carnap. Num formulário da JEN para o preenchimento do *curriculum vitae* que devia obrigatoriamente acompanhar o requerimento para bolsa, o candidato, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, declara que frequentara disciplinas de Matemática e Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e que «*tem realizado investigações pessoais acerca de alguns problemas científicos relacionados com a Filosofia*» [AIC: 1273.16.002]. Os seus conhecimentos filosóficos, bem como os de ciências naturais e matemática, vocacionavam-no para as matérias relacionadas com a filosofia da ciência e era exatamente isso que ele pretendia. A resposta não se fez esperar e, com data de 19 de novembro, o Secretário da JEN, Leite Pinto, indefere a sua candidatura ao lugar de leitor na Alemanha e, simultaneamente, aconselha-o a concorrer a uma bolsa de estudo para o mesmo país, de forma a realizar os estudos filosóficos pretendidos. E, no ano seguinte, a 3 de junho de 1935, deu entrada na Secretaria da Junta um novo requerimento para obtenção «*de uma bolsa de estudo em Friburgo durante um*

ano com o fim de intensificar a sua cultura em História e Filosofia da Ciência»; do plano de trabalho enviado em anexo consta

Os centros mais importantes para tais estudos são Berlim, Viena, Friburgo. O requerente escolhe Friburgo, pequena cidade e meio universitário muito importante na filosofia alemã contemporânea e em que predomina a corrente fenomenológica de Husserl; é também em Friburgo que se encontra Heidegger, um dos mais representativos filósofos alemães da atualidade (...) compete [à JEN] determinar qual dos centros de investigação é conveniente para a preparação que o requerente deseja realizar [AIC: 0585.28.001].

E a JEN, para avaliar as pretensões de Delfim Santos, vai suscitar a opinião das «referências (individualidades que conhecem as qualidades de trabalho do requerente)» (propostas pelo próprio) e a de um outro especialista na matéria, Joaquim de Carvalho, professor da Universidade de Coimbra, que perante o pedido em causa adverte os decisores,

(...) Tanto quanto posso avaliar pelos livros e informes alheios, Friburgo tem hoje a singularidade no ensino do método fenomenológico de Husserl e sua aplicação a problemas metafísicos, notadamente da ontologia. Não contesto a vantagem da importação deste método assim como a formação de um bolsheiro no estudo profundo da fenomenologia, tanto do pensar, como do sentir; porém afigura-se-me não ser esta formação a mais adequada para os objetivos que o requerente se propõe. Salvo melhor opinião, seria em Viena, com Moritz Schlick e Rudolf Carnap que o requerente encontraria um ensino concretamente orientado, tanto na problemática, como na metódica, no sentido das suas ambições intelectuais (...) o país não perde em fazer uma sementeira de tentativas de formação filosófica diversamente orientadas, mormente quando os candidatos apresentam, como o Dr. Delfim Santos, um currículo e informes promissores (...) [AIC: 0585.28.006].

Mediante este parecer, a JEN dá a conhecer ao candidato que o seu pedido de bolsa é deferido nas condições seguintes:

(...) ouvido um especialista na matéria (...) Esta bolsa, que é concedida nas condições gerais que constam no ofício junto, é para ser usufruída em Viena d'Áustria sob a direção dos professores Moritz Schlick e Rudolf Carnap [AIC: 0585.28.009].

Indiretamente é Joaquim de Carvalho que empurra Delfim Santos, em outubro desse ano (1935), para a Universidade de Viena a fim de estudar Filosofia da Ciência e participar no seminário do Professor Schlick. Delfim Santos virá a saber do papel representado por este professor de Coimbra na decisão sobre a sua bolsa pois refere-o explicitamente numa carta que lhe dirige nas vésperas da sua primeira tentativa de doutoramento em Coimbra [SANTOS 1998, 202]. No Natal desse ano envia o seu primeiro relatório trimestral que, em quatro páginas datilograficamente muito densas, resume a sua atividade académica. Nas três primeiras páginas, descreve de uma forma sucinta o conteúdo filosófico da Escola de Viena e termina o mesmo relatório assim:

(...) assisti (...) às lições diárias na universidade; tomei parte nos trabalhos do seminário filosófico sobre os princípios da aritmética e os trabalhos de Frege; e tomei parte no círculo de discussões, propriamente chamado *Wiener Kreis* (...) o meu trabalho 'à margem' consistiu especialmente no estudo das obras fundamentais: Frege, *Die Grundlagen der Arithmetik* [Os Princípios da Aritmética] – Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus* – Hilbert, *Grundzüge der theoretischen Logik* [Bases da Lógica Teórica (os autores são David Hilbert e W. Ackermann)] – Schlick, *Allgemeine Erkenntnislehre* [Teoria Geral do Conhecimento] (..) não me compete aqui, neste resumo da minha atividade, qualquer apreciação crítica em relação às ideias dominantes do empirismo lógico (...) sobre o conjunto de teses aqui expostas, a sua valorização e a sua crítica, publicarei mais tarde um trabalho cujas linhas gerais tenho já em esboço [AIC: 0585.28.025].

Começa a tomar forma o trabalho que em 1938 vai ser editado sob o título *Situação Valorativa do Positivismo* e também aqui há já uma impercetível

manifestação de reserva quanto à matéria filosófica que está a estudar. No final de março, no relatório correspondente ao seu primeiro semestre de frequência académica na Universidade de Viena dava conta que

(...) o fim do primeiro semestre trouxe-me a exigência duma demonstração do aproveitamento realizado. A prova a que todos os alunos ordinários são obrigados realizei-a eu também, voluntariamente (...) Fui classificado com *Sehr Gut* [muito bom] (...) Voltei a inscrever-me no curso do Prof. Schlick que agora trata em cinco horas semanais, de NATURPHILOSOPHIE, ou seja, na mais aproximada tradução: filosofia das ciências (...) Após as minhas provas fui convidado a iniciar uma secção do *Wiener Kreis* em Lisboa. É ainda cedo para apresentar à JEN quaisquer planos sobre o assunto. Menciono-o pelo significado pessoal que ele para mim tem (...) [AIC: 0529.20.003].

Este relatório, datado de 31 de março, explicitava o «*bom aproveitamento*» do estudante em terras do *Wiener Kreis*. Em princípio de junho, numa carta escrita ao seu amigo José Marinho, fazia um balanço informal do seu primeiro (e único) ano universitário em Viena

(...) esperam que eu escreva sobre o neopositivismo mas... quanto melhor o conheço mais me afasto dele (...) Viena para mim já não tenho interesse além das bibliotecas mas que talvez, sobre o que me interessa, ainda sejam melhores na Alemanha. O curso de Schlick tem-me interessado - Filosofia das Ciências (esp. Física) (...) As minhas relações com S[chlick] são muito boas. Convidou-me a doutorar-me aqui em Viena (...) A princípio interessou-me e fiz a prova do 1º semestre – Logística. Agora farei a outra e terei o certificado de aproveitamento *muito bom*. O doutoramento é portanto, possível e foi ele que se referiu a isso. É bom de ver, porém, que teria de navegar nas águas do *Wiener Kreis* etc. Isso não me interessa nada. As razões conhece-as naturalmente. Além disso o W. K. está ameaçado de morte. A empresa a que eles se meteram é por um lado difícil, por outro sem interesse. Ficará o esforço de pensadores isolados que mais uma vez notaram a

impossibilidade de *pensar em sociedade*. Além disso não se entendem e às vezes por outros motivos que não são só a discordância de teses... [SANTOS 1998, 119].

Uma carta onde se acentua não só o interesse por uma futura estadia na Alemanha, como o marcado desinteresse por «*navegar nas águas do Círculo de Viena*», o que justificaria o facto de ter desperdiçado a oportunidade de obtenção do doutoramento pela Universidade de Viena. Uma possibilidade que, embora não aproveitada, seria, pelo decorrer dos próximos acontecimentos, obviamente inviabilizada, pois Schlick virá a ser assassinado em finais de junho desse mesmo ano. No relatório do terceiro trimestre que Delfim Santos envia para a JEN, pouco depois da carta escrita para Marinho, faz um balanço da sua atividade (nunca dando a conhecer o convite para doutoramento que lhe fez Schlick), destacando

(...) O meu estudo dos fundamentos da Matemática e sobretudo da obra de Frege foi classificado pelo Prof. Schlick com *Sehr Gut* a mais alta classificação (...) a outra prova de aproveitamento foi sobre *Naturphilosophie*, tema das lições em 5 horas semanais do mesmo professor. Versou ela sobre os trabalhos dos físicos e filósofos ingleses: James Jeans e Eddington e dos alemães Planck, Heisenberg e Bavink. A classificação da minha prova foi igualmente *Sehr Gut* (...) [AIC: 0529.20.008].

E, antes desta informação dava conta de um contacto importante que estabelecera em Praga, onde se deslocara numa viagem de quatro dias durante as férias da Páscoa:

(...) Em Praga estão alguns professores que fazem parte do *Wiener Kreis* (...) o mais célebre é o Prof. Philipp Frank, sucessor de Einstein na cadeira de Física Teórica. Do Prof. Frank (que sabia da minha estadia em Praga por outros membros do *Wiener Kreis*) recebi um convite individual para o visitar em sua casa (...) mais significativo e inesperado para mim foi o convite que me fez em nome da Comissão Organizadora do 2º Congresso de Filosofia Científica para

tomar parte nesse congresso a realizar em Copenhaga em junho (...) [AIC: 0529.20.008].

Delfim Santos declinou o convite a pretexto de dificuldades materiais e devido também à coincidência com as datas das suas provas de avaliação na Universidade de Viena, a que voluntariamente se submetera. Talvez este passo mereça um comentário: o seu desinteresse pelo neopositivismo era, pelo que já escrevera a José Marinho, uma realidade, daí que a ida ao Congresso de Copenhaga não o entusiasmava suficientemente. As dificuldades financeiras eram reais, mas as provas foram feitas no início de junho e o congresso realizar-se-á de 21 a 26 de junho. Delfim Santos perdeu a oportunidade de assistir a duas importantes comunicações: uma de Niels Bohr sobre causalidade e complementaridade; outra de Philipp Frank sobre o significado filosófico e as interpretações erradas da Teoria Quântica. O tema geral deste 2º Congresso Internacional para a Unidade da Ciência era ‘O Problema da Causalidade – considerações particulares na Física e na Biologia’.

Este relatório trimestral fazia-se acompanhar por cópias dos certificados de aproveitamento. Em todas as cartas que escreve para a JEN e, em particular, nesta que acompanha este relatório anual, o bolsheiro refere o desejo de prosseguir os seus estudos em Berlim e depois em Inglaterra, a pretexto de que é em Cambridge que se encontram os representantes mais notáveis do pensamento filosófico em Física e em Matemática. De acordo com o seu pedido, vai-lhe ser prorrogada a sua bolsa e também aqui a JEN-IAC recorre ao parecer de Joaquim de Carvalho que apoia de modo positivo esta decisão. Em setembro-outubro de 1936, Delfim Santos instala-se em Berlim. Parece estar agora mais perto dos seus interesses iniciais (a ‘fenomenologia’) e afasta-se da capital do neopositivismo, um afastamento não só geográfico mas que corresponde a um distanciamento, como o manifestará em diversos ocasiões (relatórios e cartas), mais ditado pelos seus interesses filosóficos. No início da sua atividade na capital alemã, faz um balanço da sua atividade de julho a setembro em Viena e escreve no seu relatório

(...) foi o meu trabalho bruscamente interrompido pelo assassinato do prof. Schlick. Depois da sua morte, eu não tinha

mais motivo justificado para ficar em Viena, pois a corrente de filosofia das ciências que ele expunha e em parte criara não tinha lá continuadores. O meu plano de doutoramento a realizar em Viena em 1937 ficou assim completamente prejudicado. Durante algum tempo fiquei ainda em Viena para ultimar alguns pontos do meu trabalho pelo conhecimento da bibliografia correspondente (...) em fins de outubro parti para a Alemanha e em Berlim continuei o meu estudo da filosofia fenomenológica e preparei-me para as lições do Prof. Nicolai Hartmann com a leitura dos seus livros (...) [AIC: 0529.20.032].

A morte de Schlick alterou-lhe os planos mas vislumbra-se entusiasmo na iminência do contacto com Hartmann. O neopositivismo já lhe incutira algumas reservas, a redução de todo o conhecimento a uma base empírica e matemática e a recusa de penetrar nos fundamentos do conhecimento ou no que se poderia designar como o estudo de uma metafísica da teoria do conhecimento – aquilo que o próprio Delfim Santos poucos anos mais tarde haveria de definir como «*a necessidade (...) de investigar se, de facto, será possível uma teoria do conhecimento “sem metafísica”*» [SANTOS 1972, 277]. Hartmann filiava-se inicialmente no neokantismo da escola de Marburgo, onde se doutorou, tendo como mestres Cohen e Natorp; todavia, a breve trecho, assumiu-se como um crítico desta corrente e começou a refletir em torno da fenomenologia de Husserl. Hartmann passou então à construção do seu próprio sistema e no livro *Princípios de uma Metafísica do Conhecimento* assume uma «*conceção gnosiológica claramente realista – conhecer é compreender algo que está antes de qualquer conhecimento e que é independente dele*» [REALE 1995, III, 511]. Parece que para o bolseiro português esta problemática estava mais perto das sua procura filosófica. Em Berlim, Delfim Santos acompanhou disciplinadamente as lições de Nicolai Hartmann, e, ao fim de três meses na capital alemã, escreve no seu relatório trimestral:

O ambiente cultural que vim encontrar em Berlim é sensivelmente diferente do ambiente predominante em Viena. Enquanto que aqui a corrente dominante se intitulava positivista e pretendia continuar a desenvolver as tradições

francesas antimetafísicas de Comte e em geral do século XIX, Berlim oferece, ao contrário desta, um ambiente de profundo trabalho nos domínios da metafísica e na preparação das novas correntes continuadoras de Husserl e de Max Scheler. Para mim, que não pude identificar as minhas tendências às tendências predominantes em Viena, foi este contacto extremamente útil pelas novas perspectivas oferecidas para a compreensão dos problemas fundamentais da teoria do conhecimento, que o neopositivismo tratava unilateralmente pela redução total a um só tipo de ciência (como expus no relatório enviado ao Instituto, para publicação) (...) para que me seja possível o doutoramento, foi-me exigida a prestação duma prova de grego sem a qual não poderia conseguir qualquer testemunho oficial de aproveitamento, pois que as provas de filosofia implicam a leitura direta dum texto dum filósofo grego (...) [AIC: 0529.20.036].

Não resistiu à tentação de fazer a comparação com Viena e sente-se filosoficamente muito melhor em Berlim; contudo, em fevereiro de 1937, já se propõe abandonar esta cidade, reconhecendo que o contacto com Hartmann lhe «*forneceu importantes sugestões para a continuação do seu trabalho*». As lições deste filósofo garantir-lhe-ão o substrato crítico para enfrentar os filósofos do *Wiener Kreis*. O pretexto da mudança de universidade relaciona-se com o facto de, no segundo semestre, os cursos do filósofo alemão versarem sobre

(...) Moral e História da Filosofia (...) temas que se afastam do meu plano de estudos e como nas outras universidades alemãs não há atualmente professores especializados no sentido do meu plano de estudos – a maior parte dos professores alemães categorizados exerce a sua atividade docente no estrangeiro – julgo que é possível encontrar melhor meio para a minha preparação e desenvolvimento assistindo às lições de professores especializados, que no mesmo sentido dos meus interesses, exercem a sua atividade quer na França quer na Inglaterra. [AIC: 1323.24.001].

Com a mesma data do relatório do bolsheiro chega ao IAC uma carta, proveniente do Diretor do Seminário de Filosofia da Universidade de Berlim, Nicolai Hartmann, dando conta do aproveitamento do bolsheiro: sublinha a regularidade e interesse manifestados na sua participação das atividades dos seminário e termina com a frase «*prevê-se que uma estadia mais prolongada na Alemanha poderá conduzir a bons resultados*» [AIC: 1323.24.003]. Em 10 de fevereiro, o Instituto para a Alta Cultura dá a sua anuência à transferência para Inglaterra; em abril Delfim Santos já está em Londres e, numa situação financeira crítica, pede um apoio extraordinário ao IAC para fazer face à sua instalação em Cambridge. Na correspondência oficial declara que, em muitos aspetos, já tem saudades da Alemanha, invocando «*trabalho, organização, facilidades especiais nos meus domínios de estudo, etc.*». Nessa mesma missiva consulta Leite Pinto, o Secretário Geral do Instituto:

(...) De Portugal – Coimbra – pediram-me que lhes enviasse um estudo sobre a Escola de Viena – da qual se fala muito por aí, segundo me disseram. A minha posição é de crítica e de oposição. Não sei se me é permitido pelo Instituto a publicação de qualquer trabalho que se não prenda diretamente com o meu estudo atual. Espero de si duas palavras acerca disto (...) o livro para doutoramento resolvi dedicá-lo ao 'Instituto para a Alta Cultura' (...) [AIC: 1323.24.005].

Sobre a Escola de Viena, a opinião de Delfim Santos não deixa dúvidas; sobre a sua futura dissertação de doutoramento (da qual ainda não divulgou o título) sabe-se que já deverá ter começado a escrevê-la e que pensa dedicá-la ao IAC. Mas o Instituto responde às suas pretensões, escrevendo que nada tem a opor à publicação dos seus ensaios «*desde que evidentemente se respeite o inédito da sua futura tese de doutoramento*». Em finais de abril, Delfim Santos sai de Londres a caminho de Cambridge, passa a pertencer ao *Trinity College*, tal «*como os professores a que está ligado*» [AIC: 1323.24.011]. E em julho, num ofício dirigido ao IAC pedindo autorização para se deslocar a Lisboa, envia dois capítulos datilografados do livro intitulado *Verdade, Sentido, Verificação no Neopositivismo* [AIC: 1323.24.012] que se presume venha a ser a sua tese de doutoramento. Numa carta pessoal dirigida a Leite Pinto, e que acompanha o

ofício atrás referido, declara que vai pedir «*mais um ano – o último – de bolsa ao Instituto*», sublinhando em seguida a expressão «*Peço todo o seu interesse*» (para o deferimento favorável desta pretensão). Em meados de junho, Delfim Santos pede oficialmente a prorrogação da sua bolsa, invocando a necessidade de completar a sua formação nas matérias da História e Filosofia da Ciência e, ao mesmo tempo, a necessidade de completar o seu trabalho de doutoramento, iniciado no final da sua estada em Viena, interrompido em Berlim e retomado em Cambridge – *Verdade, Sentido, Verificação no Neopositivismo* («*a publicar ainda este ano*»). Está em vias de completar o seu segundo ano de bolseiro, a preparação da sua tese está relativamente atrasada e justifica o interesse da sua bolsa do seguinte modo:

(...) utilidade aproveitável do meu trabalho em Portugal – resumirei em poucas palavras uma tentativa de demonstração indireta: em todas as universidades estrangeiras há cursos de história, filosofia e crítica das ciências ou dos princípios em que assenta toda a atividade científica. Sem isso, afirma-se, não é possível dar ao estudante a consciência plena das bases de segurança ou probabilidade que podem ter, ou não, a indução e dedução científicas. Sem este estudo, afirma-se também, ciência é identificada com resultados de ciência e o estudante é levado, pela falta de crítica orientada, a considerá-la como um conjunto eternamente seguro e dogmático de conhecimentos absolutos. Mas isto é precisamente o contrário do que seja a atividade científica. Mostrá-lo, pôr em relevo o seu caráter dinâmico, inseguro mas adequado, crítico na preparação de novos progressos, é a principal missão de filosofia das ciências ou epistemologia. É para este estudo, que me parece proveitoso também em Portugal, que eu pretendo contribuir iniciando um curso numa das nossas universidades(...) [AIC: 1323.24.015].

Delfim Santos no seu pedido coloca a possibilidade de utilizar a bolsa, no ano letivo seguinte, em Friburgo, Cambridge ou Paris, mas o seu pedido será indeferido, invocando o IAC «*o facto de se encontrar esgotadas as verbas das rubrica orçamental 'Bolsas fora do país'*» [AIC: 1323.24.019]. Apesar de estarem esgotadas as verbas na rubrica de bolsas para o exterior, o IAC vai-lhe

arranjar a possibilidade de continuar a assistir às lições de Hartmann: em 23 de setembro é nomeado leitor de português em Berlim... [AIC: 1323.24.027].

Entre o seu regresso de Cambridge a Portugal e o retorno à capital alemã, Delfim Santos assistiu a dois congressos de Filosofia em Paris dos quais faz um relato ao seu amigo José Marinho em carta de 22 de agosto de 1937. Cronologicamente, o primeiro congresso a que assiste é o 3º Congresso Internacional para a Unidade da Ciência, assembleia que representava o movimento internacional dos neopositivistas e onde acorrem os filósofos da Ciência de todo o mundo (o primeiro também se realizara em Paris), que acontece de 29 a 31 de julho. Este congresso é a reunião fundadora da execução de um dos projetos iniciais e mais caros dos neopositivistas: a criação da Enciclopédia Universal da Ciência Unificada e que se inicia nesse período através da edição do primeiro volume pela *University of Chicago Press*. Estes congressos eram um encontro entre os filósofos ligados ao neopositivismo, espalhados por vários centros académicos (Viena, Berlim, Praga, Copenhaga...) e outros filósofos e cientistas interessados na Filosofia da Ciência que se juntavam para discutir as teses do Círculo, apresentadas em conferências plenárias por diversos conferencistas. Não eram congressos com muitos participantes (algumas dezenas?), pontuava a língua alemã e neles exibia-se abertamente o conflito de ideias que dialogicamente se manifestava entre os filósofos do Círculo. Da assistência a este congresso, Delfim Santos fez a seguinte leitura:

(...) o primeiro [congresso foi] de filosofia científica, positivismo, não tem para si interesse e para mim consistiu em ouvir repetidos alguns pontos de vista já conhecidos e algumas bem inconsistentes bizarras (...) O congresso decorreu sem interesse, sem calor, com manifesto aborrecimento de uns quando ouviam os seus contrários dentro do positivismo. Assim notei a posição irreconciliável de Neurath com Reichenbach, como já sabia com Schlick, a impossibilidade de concordância entre Tarski e a escola polaca com Carnap. Carnap é pessoalmente uma pessoa desagradável e Neurath com a sua grande estatura é tal e qual um charlatão de feira ou um candidato a ditador de ideias: – fisicalismo, ciência unitária

e enciclopédia é tudo quanto tem para dizer-nos ao mesmo tempo que simplista e ingenuamente acredita que reformará o mundo. Assistência reduzidíssima e igualmente sem interesse nas longas e aborrecidas discussões sobre alguma coisa que se sente morto mas que querem fazer reviver (...) [SANTOS 1998, 135].

E sobre o neopositivismo, já nas linhas anteriores declarava a Marinho que se desagregava devido «*ao emprego dos mesmos métodos de análise (que ele preconiza fazer sobre a metafísica) sobre as suas próprias noções de partida (é esta a tese sub-reptícia do meu livro)*». O seu distanciamento em relação a esta corrente filosófica era já uma evidência pelo que vinha escrevendo em relatórios e cartas, mas o retrato do congresso é uma caricatura bastante acintosa, sobretudo se se tiver em conta as linhas seguintes que procuram dar uma imagem do segundo congresso a que assiste, o 9º Congresso Internacional de Filosofia – Congresso Descartes.

Este último inicia-se a 31 de julho – vai ser amplamente participado pelos neopositivistas – e o delegado português foi o Prof. Vieira de Almeida. O tom da sua descrição a José Marinho é elucidativo

(...) O Congresso Descartes foi qualquer coisa muitíssimo diferente. Assistência numerosíssima e bem interessada em alguns dos temas discutidos. A primeira sessão de abertura foi presidida pelo Ministro da Instrução [Jean Zay] que fez um discurso sobre Descartes e a sua importância atual, com a assistência do Presidente da República [Albert Lebrun] (...) a primeira sessão plenária apresentou a leitura das teses e discussões de Reichenbach, de Enriques (Itália) e de Pos (Holanda). Discussão dos temas de filosofia (...) [SANTOS 1998, 135].

Também neste congresso a maior parte dos empiristas lógicos apresentaram comunicações, mas o ambiente era distinto, manifestavam-se outras vozes e tratavam-se temáticas mais variadas. Sobre este congresso, Delfim Santos faz uma notícia amplamente documentada e circunstanciada que é publicada numa revista filosófica do México [SANTOS 1972, 203].

Nos últimos relatórios que fizera para o IAC, nas últimas cartas que escrevera para Leite Pinto, Secretário do Instituto, o seu trabalho de doutoramento apresentava-se sobre o título *Verdade, Sentido, Verificação no Neopositivismo*; contudo na carta que se tem vindo a citar aparece claramente assumido um outro título para a sua dissertação: escreve Delfim Santos a José Marinho,

(...) o meu livro continua (...) tem já título definitivo: *Situação Valorativa do Neopositivismo*. Já tem introdução definitiva. 1º capítulo com o título geral: Expressão e verdade. 2º Forma e relação. 3º Sentido e verificação. 4º Sintaxe lógica. Estão assim quatro capítulos escritos e definitivamente passados à máquina. Ao todo cem destas páginas, mas com intervalo duplo entre as linhas (...) [SANTOS 1998, 133].

Parece que o desencanto progressivo que o vai assaltando em relação ao ideário filosófico com que contactara de perto em Viena lhe vai apurando o seu sentido crítico, obrigando-o a alargar o seu campo de atenção: o problema da ‘verdade, sentido, verificação no neopositivismo’ é ampliado para uma análise do valor em si do neopositivismo, e no contexto filosófico dos seus objetivos, o que o conduz à *Situação Valorativa do Neopositivismo*. Mas não vai ficar por aqui e o próprio título definitivo virá a ser outro, *Situação Valorativa do Positivismo*. O contexto dos dois congressos, o primeiro só dos empiristas lógicos, o segundo, onde estes já estão emersos no oceano filosófico mais amplo, deverá ter provocado em Delfim Santos uma necessidade de pesar o valor das diferentes correntes filosóficas perante os problemas da filosofia da ciência.

A *Situação Valorativa do Positivismo*, como o próprio autor escreve na sua introdução, é uma obra cuja finalidade corresponde à análise do «valor» do positivismo na sua circunstância, isto é, «no seu próprio lugar» no que se refere «à esfera de realidade a que diz respeito como teoria». Pretendia apresentar, não uma refutação ou aceitação das suas propostas teóricas, mas uma discussão de toda a sua problemática à luz «dos utensílios que o positivismo considera como válidos». É «esta a tese sub-reptícia do meu livro», como escreveu a Marinho e,

embora já se conheça o seu afastamento em relação a esta corrente filosófica, há, ao longo do livro, o propósito claro de evitar «*tomar partido*»...

Em fevereiro de 1938, em carta a Leite Pinto, Secretário do IAC, declara que o seu livro a *Situação Valorativa do Positivismo* constitui a sua tese de doutoramento e estará impresso até maio desse mesmo ano... Na introdução do trabalho que pretende ser a sua dissertação de doutoramento, o autor, no antepenúltimo período, escreve: «*A maior parte deste livro foi escrito em fins de 1936 e enviado ao Instituto para a Alta Cultura como relatório de atividade em Viena*» [SANTOS 1972, 55].

O que não corresponde inteiramente à verdade, como se pode verificar pela correspondência trocada com o Instituto. O bolsheiro dava a conhecer à entidade que lhe garantia a bolsa o fruto do seu trabalho (capítulos da sua futura tese), não constituindo esses capítulos os «*relatórios de atividade*» que regulamentarmente enviava e onde eram mencionados os ditos capítulos. Com data de 18 de junho de 1938, a Secretaria da Universidade de Coimbra comunica a Delfim Santos que não pode ser admitido a doutoramento, invocando como uma das razões justificativas o facto de «*(...) o trabalho apresentado como dissertação não pode ser admitido como tal por ser constituído por dois relatórios enviados ao IAC (...)*» [Este documento foi facultado pelo Arquivo Delfim Santos].

Um descuido do autor, uma frase impensada nas suas consequências, vai permitir à vetusta universidade coimbrã recusar burocraticamente, e absurdamente do ponto de vista académico, uma dissertação para a obtenção do grau de Doutor...

No panorama nacional, a *Situação Valorativa do Positivismo* foi uma obra única e singular sobre o neopositivismo. O seu carácter analítico e de exposição cuidada, bem como a exaustiva bibliografia apresentada dos autores fundamentais (no idioma original), recomendavam-na vivamente a quem quer que pretendesse iniciar-se nos meandros filosóficos desta corrente de pensamento. Esta obra não foi ignorada, pois é citada por todos aqueles que dedicaram alguns textos ao estudo desta moderna corrente de pensamento. Todavia não marcou o meio filosófico português da forma mais desejável e a

prova está em que o seu autor não prosseguiu os seus trabalhos neste domínio, uma aprendizagem e uma formação que se perderam ao nível do magistério universitário.

#### 4. Notas Finais

A 9 de julho de 1938 a revista *Seara Nova* publicava, na sua secção ‘Livros e Periódicos’, uma recensão do livro de Delfim Santos; recensão que no essencial foi feita à custa de longos extratos, seis páginas, acompanhadas de oito notas da redação (com três linhas, em média, cada uma) onde se tecem algumas críticas à corrente filosófica sob análise. Esta recensão não está assinada, fundamentalmente porque tece poucos comentários, embora nas poucas linhas exteriores aos extratos não seja difícil adivinhar que o seu autor foi António Sérgio. Foi também a *Seara Nova*, no ano seguinte e por iniciativa de António Sérgio, que publicou em vários números a tradução do artigo de W. Werkmeister, autor citado por Delfim Santos no contexto de algumas críticas formuladas à Escola de Viena, saído em maio de 1937 na *The Philosophical Review* e que, nesse mesmo ano, será reunido na forma de um opúsculo único sob a chancela da mesma revista [WERKMEISTER 1939]. O tradutor foi Vitorino de Magalhães Godinho que, no ano letivo de 1939-40, apresentou uma tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas versando matérias ligadas à Filosofia da Ciência e intitulada *Razão e História (Introdução a um problema)*.

Delfim Santos, apesar do livro que escreveu ser destinado à dissertação para as suas provas de doutoramento, obterá o grau de doutor com outra tese, também ligada à problemática da Teoria do Conhecimento, mas na linha da discussão filosófica sob a égide do pensamento de Hartmann. Se a sua vocação era o ensino filosófico na área da filosofia da ciência, ela não se cumprirá e os meandros tortuosos da universidade portuguesa empurrá-lo-ão para outros caminhos...

A Escola de Viena e as suas ideias continuarão na década seguinte a ser alvo do interesse dos meios académicos. Em 1945 Egídio Namorado, finalista da

licenciatura em Ciências Físico-Químicas da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, dava à estampa um ensaio com cerca de 125 páginas intitulado *A Escola de Viena e alguns problemas do conhecimento* [NAMORADO, 1945]. Um ensaio constituído por 8 capítulos e uma introdução onde retoma, no essencial, as teses de W. Werkmeister que lhe servem de mote para a argumentação em torno de algum acordo, completo desacordo, ou correção necessária sobre as teses dos neopositivistas.

## Referências

CUNHA, Norberto (1998) *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*, Lisboa: INCM.

FITAS, Augusto J. (2006) Ruy Luís Gomes e o Seminário de Física Teórica na Universidade do Porto, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Matemática*, núm. especial RLG, 49-70.

FITAS, Augusto J. & António A. P. VIDEIRA, orgs. (2004) *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*, Lisboa: Instituto Piaget.

FITAS, Augusto J. & Marcial E. RODRIGUES, M. Fátima NUNES (2008) *Filosofia e História da Ciência em Portugal no Século XX*, Lisboa: Caleidoscópio.

GODINHO, Vitorino de Magalhães (1940) *Razão e História (Introdução a um problema)*, Lisboa: ed. do Autor.

GOMES, Ruy Luís (1938) *Teoria da Relatividade Restrita*, Lisboa: Núcleo de Física, Matemática e Química.

MORGADO, José (1985) Ruy Luís Gomes, Professor e Companheiro, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Matemática* 8: 5-30.

NAMORADO, Egídio (1945) *A Escola de Viena e alguns problemas do conhecimento*, Coimbra: Atlântida.

REALE, Giovanni & Dario Antiseri (1995) *Historia del Pensamiento Filosófico y Científico* (3 vols.), Barcelona: Herder.

## ARQUIVO DELFIM SANTOS

SALAZAR, Abel (1935) A Escola de Viena, *Notícias de Coimbra* 92.

SALAZAR, Abel (1936) O Pensamento Positivo Contemporâneo – I, *O Diabo* 114: 3-8.

SALAZAR, Abel (1937) Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro, *Sol Nascente* 5, 5.

SANTOS, Delfim (1972) Situação Valorativa do Positivismo, *Obras Completas de Delfim Santos* 1, Lisboa: Gulbenkian, 51-195.

SANTOS, F. Delfim, org. (1998) Correspondência de Delfim Santos, intr. de J. V. de Pina Martins, *Obras Completas de Delfim Santos* 4, Lisboa: Gulbenkian.

SÉRGIO, António (1937) Carta a Abel Salazar, *O Diabo*, 158 (4 de julho).

SOULEZ, Antonia, dir. (1985) *Manifeste du Cercle de Vienne et autres écrits*, Paris: PUF.

STADLER, Friedrich (2001) *The Vienna Circle – Studies in the Origins, Development and Influence of Logical Empirism*, Wien: Springer.

WERKMEISTER, William H. (1939) Sete teses do positivismo lógico examinadas criticamente, Lisboa: Seara Nova.

